



Jornal Negócios

10-09-2012

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 18239

Temática: Economia

Dimensão: 1395

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/12/13

Grupo Mello
e Ilídio Pinho
reduzem posições
na EDP **Empresas 12 e 13**

ENERGIA

Grupo Mello e Ilídio Pinho reduzem posições na EDP

Com a privatização, houve mudanças na eléctrica. Estrangeiros aproveitaram boleia chinesa para reforçar na EDP

MIGUEL PRADO

miguelprado@negocios.pt

Na primeira metade de 2012 não foi só o Estado que reduziu a sua posição na EDP. Embora em menor escala, vários accionistas nacionais de referência também venderam parte dos seus títulos, enquanto investidores estrangeiros, como a Qatar Holding e a Sonatrach, aproveitaram para reforçar, à boleia de uma transformação histórica que colocou a China Three Gorges à frente da estrutura accionista da EDP.

Ilídio Pinho, que é parceiro de Ângelo Correia na Fomentinvest, assumia numa entrevista ao "Diário Económico" em Maio de 2009 a vontade de alcançar pelo menos 5% da EDP. A 20 de Fevereiro o seu nome foi aprovado como membro independente do Conselho Geral e de Supervisão (CGS) da EDP. Mas não tardou para que Ilídio Pinho se desfizesse de parte da sua carteira. Em duas semanas, de 29 de Fevereiro a 12 de Março, o empresário vendeu 4,3 milhões de ações da EDP, por 9,7 milhões de euros, segundo dados publicados pela eléctrica no seu relatório do primeiro semestre. Em resultado disso, Ilídio Pinho reduziu a sua participação na EDP de 0,53% para 0,41%. Contactado pelo **Negócios**, o empresário não esclareceu os motivos da alienação de ações.

A José de Mello Energia também reduziu. No final de 2011 o grupo tinha 4,82% da EDP. Mas com a venda de 6,5 milhões de ações, a sua posição na eléctrica recuou para 4,64%. O grupo diz que esta descida "não tem nenhum significado" e se deveu "exclusivamente a razões de ordem operacional". "A José de Mello considera que a estrutura accionista da EDP é sólida e a nossa participação é e continuará a ser estratégica", disse ainda o porta-voz da José de Mello ao **Negócios**.

O desinvestimento destes dois accionistas (que há anos apoiam a gestão de Mexia) é reduzido se comparado com os 21,35% que o Estado privatizou. Foi sobretudo o blo-

A estrutura accionista da EDP é sólida e a nossa participação é e continuará a ser estratégica.

JOSÉ DE MELLO

Fonte oficial

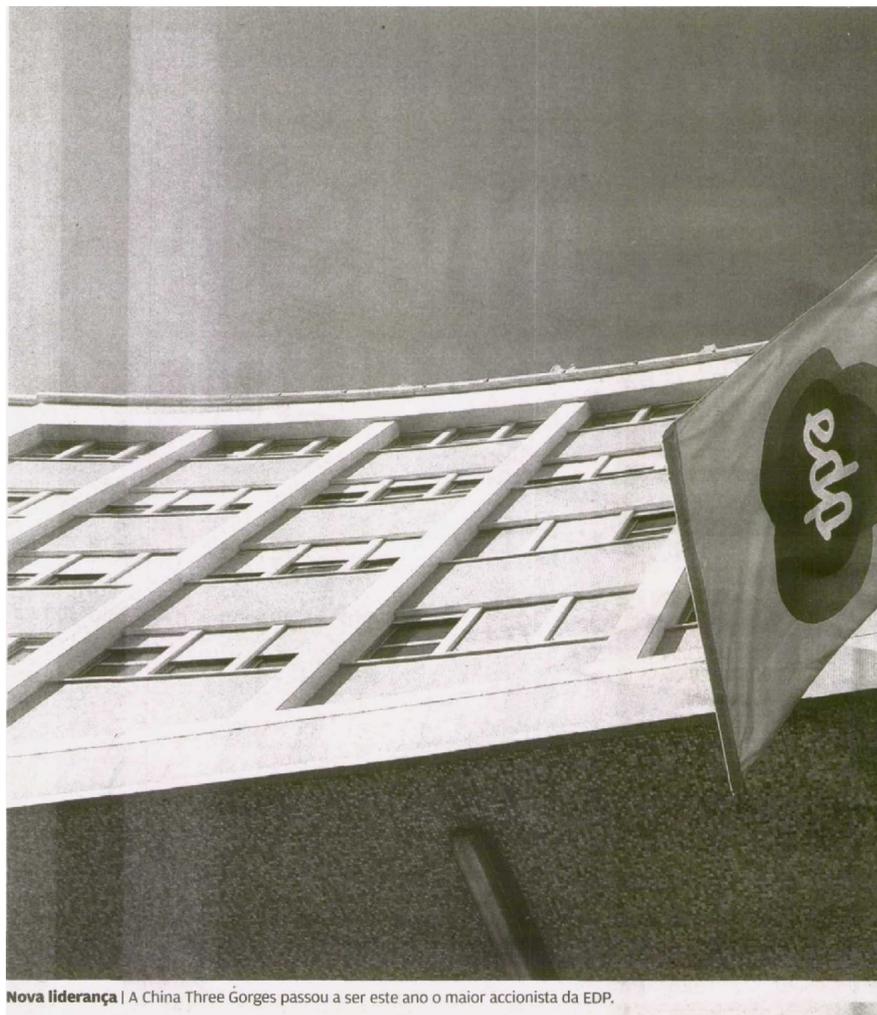
co vendido à China Three Gorges que determinou a redução acentuada do peso dos accionistas nacionais na EDP: de 47% em Dezembro de 2011 para 26% em Junho de 2012.

BES reforçou na EDP

Além de Ilídio Pinho e da José de Mello, também o Norges Bank reduziu (de 3,25% para menos de 2%) no primeiro semestre. Em sentido contrário, vários dos actuais accionistas da EDP aproveitaram os "ventos asiáticos" para reforçar. Entre eles esteve o Banco Espírito Santo, que no primeiro semestre comprou quase 9,6 milhões de papéis da EDP, aumentando a sua posição de 2,19% para 2,45%.

Mas houve outras movimentações. A silenciosa Qatar Holding adquiriu nove milhões de ações da EDP este ano, subindo a sua participação de 2,02% para 2,27%. A argelina Sonatrach também comprou 5,3 milhões de títulos, passando de 2,23% para 2,38%.

Se o bloqueio da Iberdrola na EDP (onde tem 6,79%) poderia teoricamente afugentar investimento espanhol, na prática isso não aconteceu. A Iberdrola e o Liberbank (ex-CajAstur) conservaram as suas posições. E o empresário espanhol Fernando Herrero, que já tinha mais ações da EDP do que Ilídio Pinho, reforçou na eléctrica, comprando 4,9 milhões de ações.



Nova liderança | A China Three Gorges passou a ser este ano o maior accionista da EDP.

OS GESTORES QUE TAMBÉM SÃO INVESTIDORES



António Mexia | Presidente-executivo, 41 mil ações



Nuno Alves | Administrador financeiro, 125 mil ações



João Manso Neto | Administrador, 1.268 ações

UM LÍDER QUE NÃO MEXEU NA SUA CARTEIRA

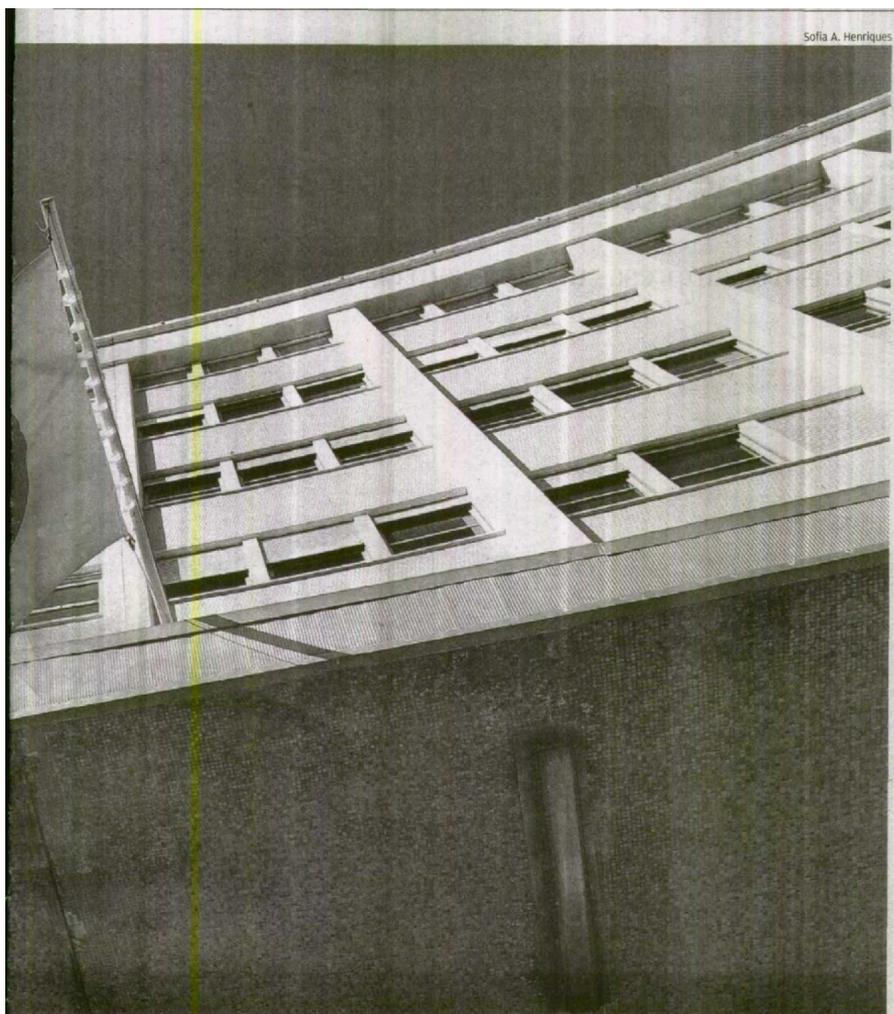
António Mexia lidera a EDP, mas não é o gestor com mais ações. Tem 41 mil papéis da eléctrica, não tendo comprado nem vendido ações ao longo do primeiro semestre. Mexia tem ainda 4.200 ações da subsidiária EDP Renováveis e um título da Energias do Brasil, posições em que também não mexeu desde o início do ano.

ADMINISTRADOR FINANCEIRO É QUEM TEM MAIS AÇÕES

O administrador financeiro (CFO) da EDP é o gestor que aparenta maior confiança nas ações da eléctrica: tem 125 mil papéis, tendo no primeiro semestre reforçado a sua carteira com a compra de 25 mil títulos, por 43.750 euros. Nuno Alves detém ainda 25 obrigações da EDP, que já tinha no final de 2011. E é ainda o gestor que tem mais ações da EDP Renováveis: cinco mil.

O 'LOW PROFILE' DE MANSO NETO... TAMBÉM NA CARTEIRA

João Manso Neto é um dos mais discretos gestores da EDP. Tem apenas 1.268 ações da eléctrica, uma posição inalterada face à sua carteira no final de 2011. Manso Neto, que este ano assumiu a presidência da EDP Renováveis, não tem, curiosamente, nenhuma ação da empresa de energias limpas do grupo.



Os administradores “independentes” são mesmo independentes?

Paulo Teixeira Pinto, Celeste Cardona e Braga de Macedo entraram no Conselho Geral da EDP sem acções. Ao contrário de outros independentes

Na EDP o Conselho Geral e de Supervisão tem 23 membros, sendo 11 independentes. Cinco deles acompanham há vários anos a gestão de António Mexia. Mas seis foram eleitos na assembleia-geral de Fevereiro, que trouxe nomes como Paulo Teixeira Pinto, Celeste Cardona e Braga de Macedo, unidos na circunstância de nenhum deles ter qualquer acção da EDP. E de todos terem tido experiências políticas.

O quadro de elementos independentes do órgão de supervisão da EDP reflecte currículos diversificados e relações distintas com a empresa. Se Teixeira Pinto, Cardona e Braga de Macedo não têm quaisquer investimentos na EDP, já Ilídio Pinho e o espanhol Fernando Herrero, que entraram igualmente em Fevereiro, como independentes, são dois dos maiores accionistas individuais da eléctrica.

Do ponto de vista das boas práticas de governo corporativo, será mais recomendável que os independentes o sejam em absoluto, sem quaisquer interesses na empresa? Ou, para salvaguardar uma postura participativa, deveriam todos os administradores, incluindo os independentes, ter acções da empresa que supervisionam?

O projecto para um novo Código de Governo das Sociedades que está em discussão pública é omissivo quanto a essa questão. Mas o código existente e tido em conta pela CMVM considera que “a independência é prejudicada quando estamos na presença de uma participação qualificada [mais de 2%]”, nota o advogado Paulo Câmara.

O especialista em “governance” da Sérvulo disse ao Negócios que “não podemos encarar isoladamente a simples detenção de acções da sociedade como indicio de défice de independência”. O que não significa que a titularidade de acções pelos independentes seja recomendada, na medida em que, sublinha Paulo Câmara, “o bom cumprimento dos deveres fiduciários dos membros da ad-



Celeste Cardona é advogada e, além da EDP, está nos órgãos sociais da SIBS e do banco BCI, de Moçambique.



Jorge Braga de Macedo é professor de Economia na Universidade Nova, entre outros cargos.

ministração não pode depender da respectiva carteira de títulos”.

As dúvidas de Warren Buffett

Em 2002, numa carta aos accionistas da Berkshire Hathaway, Warren Buffett abordava o tema, lembrando que em várias décadas já tinha passado por 19 empresas, trabalhando com 250 administradores, a maioria dos quais independentes. “Essas pessoas, embora decentes e inteligentes, simplesmente não conheciam o negócio ou não se preocupavam o suficiente com os accionistas para questionar aquisições sem sentido ou remunerações egrégias”, escrevia Buffett.

O conhecido investidor mostrou-se favorável a que os independentes tivessem acções da empresa como requisito para ingressarem na administração. Contudo, Buffett revelou reservas quanto às remunerações. Quão independente será um administrador quando parte substancial do seu rendimento virá desse cargo?

Na EDP os administradores independentes têm remunerações distintas entre si. Em 2011, variaram entre os 51.999 e os 84.999 euros. Os valores para os eleitos em Fevereiro não foram ainda publicados.

Segundo Paulo Câmara a remuneração dos independentes através de acções “é em geral desaconselhada” pelos padrões vigentes.



António Pita de Abreu | Administrador, 34.549 acções

GESTOR DE RECURSOS HUMANOS INVESTIU EM TODO O GRUPO

António Pita de Abreu acompanha Mexia desde Março de 2006 na gestão da EDP. Na administração tem o pelouro dos recursos humanos. E como investidor é detentor de 34.549 acções da EDP, exactamente as mesmas que tinha no final de 2011. Pita de Abreu tem ainda 1.810 papéis da EDP Renováveis e 41 acções da Energias do Brasil, subsidiária que chegou a presidir.



António Martins da Costa | Administrador, 13.299 acções

ANTIGO LÍDER NO BRASIL É QUEM TEM MAIS OBRIGAÇÕES

António Martins da Costa é outro dos administradores que estão na equipa de António Mexia há vários anos. Presidente da Energias do Brasil de 2003 a 2007, integrou a administração da EDP em 2006. Após regressar do Brasil, passou a liderar a EDP Internacional. Martins da Costa tinha no final de Junho 13.299 acções da EDP e 1.480 da EDP Renováveis, além de 50 obrigações da EDP (é o gestor da eléctrica com mais obrigações).



João Marques da Cruz | Administrador, 3.878 acções

MARQUES DA CRUZ APENAS TEM ACÇÕES DA EDP

Marques da Cruz foi este ano uma das novidades na administração da EDP. Chegou à cúpula do grupo pela sua proximidade com o mercado asiático (desde 2009 que preside à Companhia de Electricidade de Macau). O antigo director-geral da TAP, presidente da Air Luxor e líder do ICEP tem na sua carteira de investimento 3.878 acções da EDP, mas não tem papéis de nenhuma subsidiária, nem obrigações da EDP.



Miguel Stilwell de Andrade | Administrador, 111.576 acções

GESTOR MAIS JOVEM É O QUE MAIS INVESTE NA EDP

O mais jovem administrador da EDP é também o gestor que mais investiu nas acções da eléctrica no primeiro semestre. Miguel Stilwell de Andrade, 36 anos, adquiriu mais de 50 mil acções da EDP no mês de Maio (investiu 70.800 euros em 40 mil papéis e recebeu como prémio do grupo 10.378 títulos avaliados em 22.614 euros). Resultado: Miguel Stilwell terminou o primeiro semestre com 111.576 acções da EDP e o “título” de segundo maior “gestor-investidor”, apenas atrás do CFO, Nuno Alves.